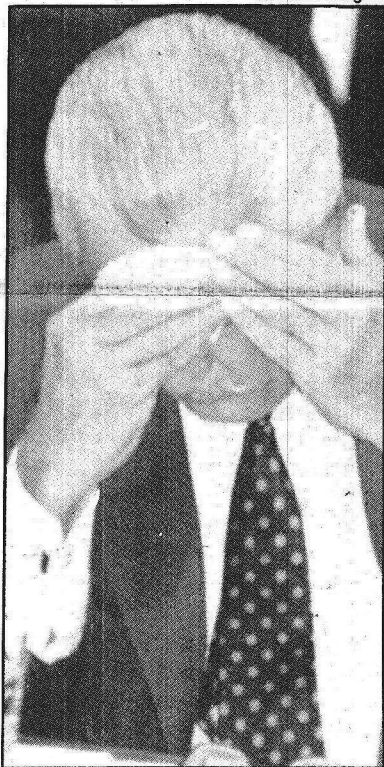


Envolvidos já vivem o clima do isolamento

Geraldo Magela



Fiúza quer saber se é leproso

“Posso passar na sua casa ou agora eu sou um leproso?”. A frase, que tem sido dita pelo deputado Ricardo Fiúza a companheiros a quem procura, às vezes de madrugada, para pedir apoio, retrata o isolamento a que os principais acusados da CPI do Orçamento foram relegados. Outrora poderosos, festejados, sempre no centro das decisões, Fiúza e outros deputados como o ex-líder peemedebista Genebaldo Correia tiveram que trocar a ribalta pelo ostracismo total e absoluto. Genebaldo, por exemplo, teve uma medida da dificuldade dessa situação antes mesmo de deixar a liderança, quando começou a tomar conhecimento dos indícios que surgiam contra ele na CPI através da imprensa.

Com profundas olheiras, voz pastosa de quem está vivendo à base de tranquilizantes, Genebaldo é, hoje, uma pálida sombra do comandante da maior bancada do Congresso. Antes movimentada pelo

entra e sai de deputados, a sala da liderança passou dias a fio vazia, com o então líder solitário em seu gabinete. Abandonado pelos companheiros da própria CPI, que pararam de lhe dar informações, Genebaldo foi também excluído das reuniões do Governo, onde participava como representante do PMDB.

Ao contrário de outros, o deputado Ibsen Pinheiro optou inicialmente por uma estratégia de ofensiva, combatendo de frente as denúncias e circulando normalmente pelo Congresso. Controlar os nervos, porém, era outra coisa: mais de uma vez, o deputado irritou-se e gritou com fotografos que o seguiam pela Casa. Com o surgimento de mais e mais denúncias, Ibsen saiu de cena, sumindo na sexta-feira passada, depois de divulgar uma nota ao povo brasileiro criticando a “histeria denunciata” e prometendo dar explicações em breve. Dos amigos, o deputado não conseguia esconder a perplexidade:

“Que barbaridade! Que barbaridade!”, não se cansava de repetir.

Outro acusado, o deputado Manoel Moreira, que teve sua vida devassada pela ex-mulher Marinalva, não apareceu no Congresso desde a instalação da CPI. Mas liga várias vezes por dia para seus colegas do PMDB, pedindo que não acreditem nas denúncias. Seu colega José Geraldo fica a maior parte do tempo em Minas Gerais, mas semana passada, ficou dois dias em Brasília, trancafiado em seu gabinete. Já no voo Belo Horizonte-Brasília, teve uma amostra do clima: ninguém se sentou a seu lado, embora o voo estivesse lotado de conhecidos.

A maioria dos deputados não envolvidos evita, por via das dúvidas, prestar solidariedade pública aos colegas. Já aqueles que aparecem nas denúncias, mas não estão no olho do furacão, têm contado com ajuda, sendo informados dos indícios contra eles antes de sua divulgação pela imprensa. (HC)